

O período neoliberal



Por **EMIR SADER***

O que o neoliberalismo chama de flexibilização laboral é uma forma específica de atentar contra os direitos dos trabalhadores, permitindo que o capital contrate mão de obra nas condições que mais lhe convenha

Quando a economia capitalista começou a diminuir seu ritmo de crescimento, se introduziu a discussão sobre as razões da estagnação. O esgotamento do ciclo longo expansivo do capitalismo foi o momento - para o liberalismo - da possibilidade de reconquistar espaço a partir do seu diagnóstico da crise.

O novo liberalismo afirmava que as economias haviam parado de crescer devido ao excesso de regulamentações, de travas à livre circulação de capital e de gastos excessivos do Estado. O combate a esses fenômenos se tornou assim a chave da introdução das políticas neoliberais.

Privatizar empresas é desregular, é tirar empresas da esfera do Estado e jogá-las no mercado. Abrir os mercados nacionais é, também, desregular, suprimindo a proteção que o Estado fornecia. A promoção do trabalho precário tira os direitos dos trabalhadores, desregulamentando as relações de trabalho.

O que o neoliberalismo chama de *flexibilização laboral* é uma forma específica de atentar contra os direitos dos trabalhadores, permitindo que o capital contrate mão de obra nas condições que mais lhe convenha. É uma forma particularmente insidiosa, porque se vale de expressões atraentes - flexibilização, informalização -, quando na verdade se trata da precarização das relações de trabalho, da expropriação dos direitos dos trabalhadores. É a proliferação do trabalho sem carteira de trabalho e sem os direitos correspondentes.

Em seu conjunto, as distintas formas de desregulamentação promoveram uma gigantesca transferência de capitais do setor produtivo para o setor financeiro, sob sua forma especulativa. Porque, como sempre alertava Marx, o capital não existe para produzir, mas para acumular riquezas, da forma que lhe pareça melhor.

Liberado das travas nacionais ou de outra ordem, instaurado o livre comércio em escala global, esses capitais foram buscar lucro na especulação. Valem-se do endividamento de países, de empresas, de pessoas, se concentram nas bolsas de valores, onde ganham mais do que nos investimentos produtivos, pagam menos impostos e têm liquidez praticamente total.

Se, no período anterior, o setor hegemônico na economia era o das grandes corporações multinacionais de caráter industrial, no novo período a hegemonia passou a estar nas mãos do sistema bancário e do capital financeiro em sua modalidade especulativa. Não é mais o capital financeiro que financia a produção, o consumo, as pesquisas, mas o que vive do endividamento, da compra e venda de papéis. Quando, no final do dia, se anuncia que a Bolsa de Valores teve um movimento determinado, não se produziu nem um bem, nem um emprego.

Não se trata de que existam empresários bons, que produzem, e empresários ruins, que especulam. Todas as grandes corporações econômicas têm um banco ou um setor financeiro à sua cabeça e, em geral, ganham mais nessas atividades do que nas que eram suas originalmente.

Esses mecanismos promoveram a mais brutal transferência de riqueza em escala global, seja entre as regiões do mundo, entre os países ou dentro de cada país, com a intensificação correspondente das desigualdades sociais. Os Estados nacionais se enfraqueceram em proveito dos mercados dentro de cada país e do mercado global em escala mundial. O sistema financeiro passou a ser a espinha dorsal da economia capitalista em cada país e na economia global.

***Emir Sader** é professor aposentado do departamento de sociologia da USP. Autor, entre outros livros, de *A nova*

toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana (*Boitempo*). [<https://amzn.to/47nfndr>]

A Terra é Redonda